

A formação docente como máquina de guerra: vozes, saberes e experimentações de professores/as

Delboni, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera ¹

Souza, Sunamita Astir Daud de ²

Reis, Eliana Aparecida de Jesus ³

RESUMO

O artigo trata de uma pesquisa que aposta na resistência como força criadora de outros possíveis ante às tentativas de apagamento e silenciamento da docência. Objetiva cartografar, em agenciamento com professores/as do ensino fundamental da Rede Municipal de Serra-ES, os deslocamentos por outros modos de pensar-fazer formação docente. Problematisa: O que pode a formação docente ao se constituir como uma máquina de guerra que resiste aos mecanismos de controle do Estado? Que sentidos de docência podem tensionar lógicas capitalísticas de currículos que tentam reduzir a potência da vida nos cotidianos escolares? Como metodologia, utiliza a cartografia entrelaçada às redes de conversações, cujas enunciações e experimentações se apresentam entremeadas ao texto. Ao problematizar os mecanismos de regulação e controle da docência, a pesquisa aponta na relação com as vozes, saberes e experimentações de professores, a formação como espaço-tempo de resistência coletiva e de afirmação da vida nos cotidianos escolares.

Palavras-chave: formação de professores; docência, máquina de guerra; cotidiano.

Teacher training as a war machine: voices, knowledge and experiments of teachers

ABSTRACT

¹Universidade Federal do Espírito Santo. Professora adjunta do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (Dtepe), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE) na Ufes. Email: tania.delboni@ufes.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3008422505347658>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3950-0427>.

²Universidade Federal do Espírito Santo. Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora da educação básica na Prefeitura Municipal da Serra-ES. Email: sunamitadaud@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9164833408617651>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5166-3314>.

³Universidade Federal do Espírito Santo. Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora e pedagoga da educação básica na Prefeitura Municipal da Serra - ES. Email: eliana.reis@edu.serra.es.gov.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4808268130155843>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6939-2311>.

The article deals with research that focuses on resistance as a force that creates other possibilities in the face of attempts to erase and silence teaching. It aims to map, in partnership with elementary school teachers from the Municipal Network of Serra-ES, the shifts towards other ways of thinking and carrying out teacher training. It problematizes: What can teacher training do when it constitutes a war machine that resists State control mechanisms? What meanings of teaching can tension capitalistic logics of curricula that try to reduce the power of life in everyday school life? As a methodology, it uses cartography intertwined with conversation networks, whose enunciations and experiments are interspersed with the text. By problematizing the mechanisms of regulation and control of teaching, the research points out, in relation to the voices, knowledge and experiments of teachers, training as a space-time of collective resistance and affirmation of life in everyday school life.

Keywords: teacher training; teaching, war machine; daily.

La formación docente como máquina de guerra: voces, saberes y experimentos de docentes

RESUMEN

El artículo aborda investigaciones que se centran en la resistencia como fuerza que crea otras posibilidades frente a los intentos de borrar y silenciar la enseñanza. Su objetivo es mapear, en colaboración con profesores de educación primaria de la Red Municipal de Serra-ES, los cambios hacia otras formas de pensar y realizar la formación docente. Problematiza: ¿Qué puede hacer la formación docente cuando constituye una máquina de guerra que resiste los mecanismos de control del Estado? ¿Qué significados de la enseñanza pueden poner en tensión las lógicas capitalistas de los planes de estudio que intentan reducir el poder de la vida en la vida escolar cotidiana? Como metodología utiliza la cartografía entrelazada con redes de conversación, cuyas enunciaciones y experimentos se intercalan con el texto. Al problematizar los mecanismos de regulación y control de la enseñanza, la investigación señala, en relación a las voces, saberes y experiencias de los docentes, la formación como espacio-tiempo de resistencia colectiva y afirmación de la vida en la cotidianidad escolar.



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

Palabras clave: formación docente; enseñanza, máquina de guerra; a diario.

INTRODUÇÃO: O QUE MOVE ESSE TEXTO-PESQUISA?

Este texto-pesquisa convoca-nos a percorrer caminhos nômades, em zonas de turbulência, na tentativa de desmanchar mundos, fazendo fluir, provocar, engendrar outros sentidos de docência. Assim, em agenciamentos insurgentes com professores/as da Rede Municipal de Ensino de Serra-ES, buscamos pensar a formação docente como máquina de guerra nômade (Deleuze; Guattari, 2012a) que cria tensionamentos e resiste à precarização da vida, da existência. Atender a uma educação produtiva aos modos capitalistas com trajetórias definidas, como se tudo estivesse dado de antemão, implica uma percepção de mundo, de existência que opera por força de coerção da vida. Desse modo, indagamos: O que pode a formação docente ao se constituir como uma máquina de guerra que resiste aos mecanismos de controle do Estado? Que sentidos de docência podem tensionar lógicas capitalísticas de currículos que tentam reduzir a potência da vida nos cotidianos escolares?

É preciso dizer que uma máquina de guerra nômade, como apresentam Deleuze e Guattari (2012a, p. 107), “[...] é uma espécie de rizoma, com seus saltos, desvios, passagens subterrâneas, caules, desembocaduras, buracos, etc.”. Ela constitui um espaço nômade, liso, aberto e sem fronteiras e, portanto, compõe forças de tensionamentos ao aparelho de Estado e ao avanço do sedentarismo com seus espaços estriados de fronteiras muradas. Entre a máquina de guerra e o aparelho de Estado, não há dicotomia, separações, e sim relações contínuas de forças heterogêneas (Deleuze; Guattari, 2012a).

Nessa perspectiva, entendemos a formação docente como *espaçotempo*⁴ de resistência, que desliza ante as forças de controle, não apenas se ocupando das armas que já possuem, mas também inventando outras na relação com as condições que a determinam. Em um contexto político que impõe uma Base Nacional Comum de Formação Inicial e Continuada (BNC – Formação), que impacta os princípios da formação e da atuação de professores/as, ao definir competências docentes na dimensão de conhecimento, de prática e engajamento profissional, importa-nos pensar

⁴ A junção desses termos e de outros que aparecem no texto é uma maneira que aprendemos com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos para afirmar um sentido outro, mais amplo, para o que até então tinha sido pensado como dicotômico pela Ciência moderna.



outros modos de constituir a formação docente engendrada por forças micropolíticas nos cotidianos escolares.

Em um campo de lutas políticas há processos extensivos do espaço estriado sobre o espaço liso, impondo suas forças de decalque e de reprodução (Deleuze; Guattari, 2011), mas também, de modo singular, o espaço liso reivindica o território e avança expandindo as fronteiras do mundo. Os/As professores/as e suas enunciações que se apresentam entremeadas a este texto-pesquisa questionam a formação como circuito fechado de transmissão de um saber técnico-científico. Eles/as resistem aos processos de estriamento, fazendo vazar outros discursos que descentralizam o conhecimento, o saber e possibilitando circular multiplicidades de pensamentos que compõem os *espaçostempos* da escola, o que faz da experiência de formação de professores o lugar do encontro entre aprender e desaprender que comporta o heterogêneo, a multiplicidade, a diferença.

Ao contrário da BNC – Formação, que pressupõe a ideia de um docente que precisa ser instrumentalizado para atender aos critérios de aprendizagem e ensino estabelecidos na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, entendemos que os/as professores/as desejam compor formação em um campo de relação de forças que expressam agenciamentos de saberes, conhecimentos e experimentações com as muitas vozes que ecoam nos cotidianos escolares.

Alves (2010) aponta que são os praticantes do cotidiano que criam *teoriaspráticas* e mobilizam *saberesfazer*s próprios, possibilitando outras lógicas aos processos de conhecimento. Mas, para a ciência moderna, esse conhecimento que emerge do cotidiano expressa o “senso comum”. Esse modo de pensar compõe processos formativos que hierarquizam o saber, rompendo com a horizontalidade do processo. Para a autora (2010), é preciso lutarmos contra esse modo de pensar encarnado em nós que aprendemos e ensinamos em processos de formação.

Tensionar por um modo de constituir formação em que as vozes, saberes, conhecimentos e experimentações de professores/as propagam a força do cotidiano é expandir a potência da vida, fazendo uso da máquina de guerra sobre as forças que tentam aniquilar modos de *serpensar* diferentes dos modelos hegemônicos de formação docente. É um ato *éticoestético* político que



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

afirma o que é *vividopraticado* (Carvalho, 2009) no cotidiano como aventura inesperada e indeterminada que se encontra no trajeto.

Assim, desejamos compor outros planos de sentidos que não sejam dados por determinismos ou fatalismos, como propõem as políticas educacionais instituídas e suas determinações legais. Intencionamos transitar por um modo de *pensarfazer* formação como circuitos abertos aos sentidos do mundo que nos tira do lugar de inércia, da paralisia. Buscamos encontros que expressam o cotidiano, conspiram-respiram (Guattari, 1985) a vida por perspectivas impensadas, despropositadas – fora do óbvio, de um sistema de representação universal –, ativam a diferença e invertem o mundo, pondo-o de cabeça para baixo. Desse modo, tecemos conversas com as enunciações e experimentações de professores/as em movimentos formativos que evidenciam o agenciamento de docências com modos de resistência ativa emergentes do cotidiano. São agenciamentos de forças que assumem dimensões éticas, estéticas e políticas na afirmação da vida.

Experimentações cartográficas no encontro com professores/as no desejo de afirmar uma vida livre

As experimentações cartográficas deste texto-pesquisa compõem-se de relações nômades que abrem caminhos no deserto, como espaço aberto e sem fronteiras. Em companhia de um coletivo múltiplo de professores/as, chegamos às ruínas do Sítio Histórico de Queimado localizado na zona rural da cidade de Serra-ES. O sítio é reconhecido como um importante monumento que registra a resistência à escravização de povos africanos e afro-brasileiros em 1849. Segundo registros históricos, a revolta dos negros escravizados é resultante do não cumprimento da promessa de um padre jesuíta que ofereceu a alforria após a construção de uma igreja dedicada ao padroeiro São José. Após a conclusão da obra, o padre não cumpriu a promessa, causando revolta e mobilização coletiva dos negros desejosos por liberdade. Apesar da violência imposta ao movimento, a insurreição de negros escravizados inspira-nos a desejar outros possíveis para a afirmação de uma vida livre.

O encontro inicia no prédio da Secretaria Municipal de Educação, onde os/as professores/as são recebidos/as pela equipe responsável pela formação de professores de História e Geografia. É um encontro festivo, com abraços,



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

sorrisos e muitos burburinhos. Entre os professores/as, existem os que já participam da formação continuada e se conhecem há alguns anos e os que estão ingressando nesse ano na rede de ensino de Serra, vindo de outros municípios e até de outros estados do Brasil. Compõem encontros com o outro e com a cidade são forças que também constituem os movimentos de formação no município *lócus* da pesquisa.

Enquanto esperávamos o ônibus que nos levaria ao sítio histórico, conversávamos sobre a insurreição, os movimentos de luta e de afirmação da liberdade e salientávamos quanto eles nos ajudam a pensar e a desejar outros mundos em que não cabem a dominação, a passividade, a sujeição da vida. É essencial compormos *práticas políticas* cotidianas que indagam os discursos de verdade, as ações de controle e que mutilam sonhos e existências ao operar por captura das forças ativas de uma vida livre, alegre, expandida.

Estamos agenciando-nos à garra e à coragem daqueles que vieram antes de nós e não se curvaram à opressão; pelo contrário, fizeram ecoar as vozes da liberdade, o desejo por mundos que acolhessem os conhecimentos, os saberes, as práticas e os modos de existências não hegemônicos. São histórias locais que não podem ser relegadas ao esquecimento e desapropriadas de sua força como resistência ativa.

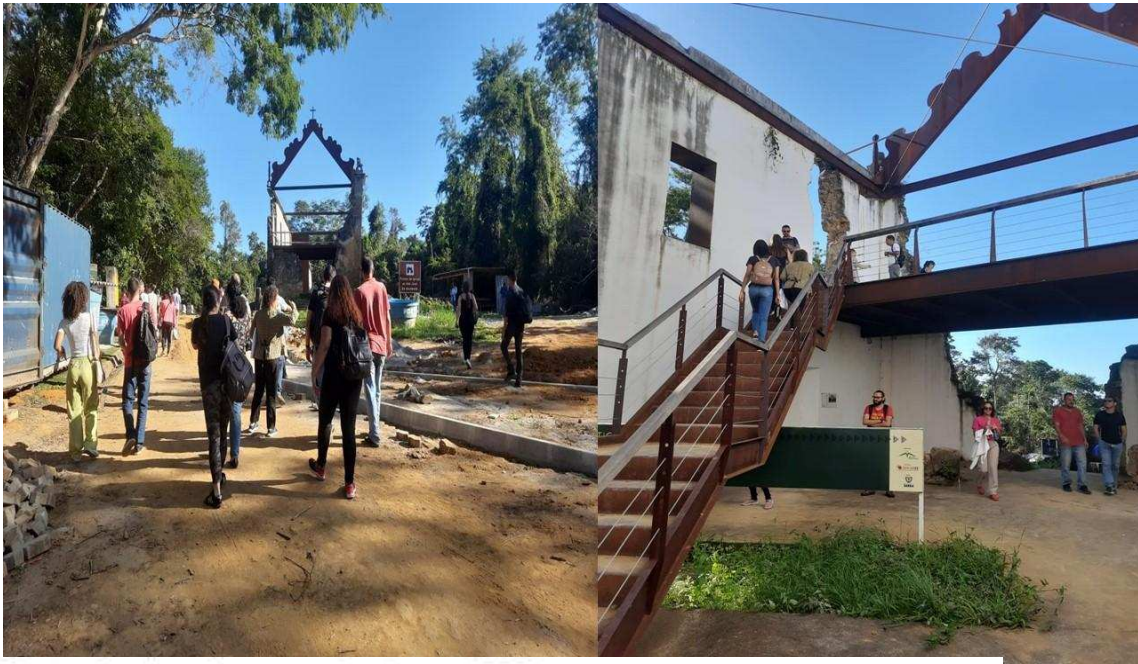
A insurreição de negros escravizados no município, como acontecimento, compõe as narrativas dos/das professores/as e horizontaliza o saber. As conversas são tecidas em diferentes percursos, na relação com as forças do lugar – imagens, saberes, conhecimentos que estranham o pensar das existências a um estado de subserviência. Os/As professores/as apresentam os vestígios de um tempo de ‘prosperidade’ local, regional, à custa da subordinação da vida e, nesse movimento, eles trazem os *saberes-fazer*s de homens, mulheres e crianças em seus modos de se constituírem como cultura minoritária e suas estratégias de resistência. São circularidades de conversas em que os saberes estão em movimento, na relação entre corpos que trafegam por sentidos variados e indeterminados.

Figura 1 – Linhas de agenciamento coletivo, dobras no pensamento



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>



Fonte: Arquivo das pesquisadoras - 2023

A literatura também entrelaça esse movimento formativo. Uma das professoras, assessora de formação continuada, propõe a leitura de alguns versos do poeta local que narra a insurreição em versos de cordel. Os/As professores/as experimentam dobras no pensamento, novos campos de saberes fora do domínio de uma cultura hegemônica. São possibilidades de fazer ecoar existências outras.

Como sabemos, senhores,
O fluxo da exploração
Que ditavam os europeus
Em prol dos nossos irmãos.
Pois sofreram sem saber
Tinham que obedecer
Às normas da religião.

Como a Vila do Queimado,



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

Já era bem povoada,
Mas faltava o necessário
Para formar as camadas,
Pois não tinha uma Igreja,
Tudo que o poder almejava
Assim foi determinada

Mas pra fazer a montagem
De tão belo monumento,
Eram necessárias forças
De homens fortes, de talento...
Foi aí que para o alvo,
Foi convocado o escravo
Para fazer o evento.

Para fazer o trabalho,
Escravos de todos os lados.
Porém, não tinham descanso
Nos domingos e feriados
Para levantar com fé
A Igreja de São José
No Distrito do Queimado.

[...]

Trabalhavam em cantoria
Não sonhavam com a ameaça [...]

[...]

Prometeu para os coitados,



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

Após trabalho findados,

A carta de alforria.

[...]

Foi duro aquela peleja.

Mulheres, homens, crianças

Fazem o que o padre deseja:

Trabalho no sol, no vento...

[...]

Sonhavam com a liberdade

Morte, Teodorico Boa, 2019, p. 15-16.

Parece-nos que professores/as envolvidos em forças conspirativas desejam os saberes-conhecimentos que rompem com os discursos de poder e dominação que circulam nas escolas, nos currículos e na formação de professores. O que passa nesses encontros são experiências de ruptura a um regime de verdade e seus “[...] procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (Foucault, 2021, p. 54). As conversas problematizam as relações de poder e os efeitos do silenciamento de uma cultura africana e afro-brasileira.

Pensar movimentos formativos que nos tiram do lugar de ouvintes passivos para indagar, questionar os mecanismos de controle que tais verdades imputam à sociedade é pôr em exercício a máquina de guerra. Quais os efeitos de uma formação docente que, não vinculada à aquisição de uma competência ou habilidade técnica, engendra outros caminhos possíveis a uma vida livre? Após a visita às ruínas da igreja no sítio histórico, ainda no ônibus, um professor dizia:

- A gente já se forma tanto em sala de aula na relação com os alunos, em ambientes acadêmicos, porque, independente das formações ofertadas pela Secretaria de Educação, estamos em contínuo processo formativo. Mas é quando experimentamos outros modos de fazer formação, como essa visita ao sítio histórico, que nos inspiramos: a gente ouve experiências de



REVISTA
interritórios

Interritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

colegas, compõe conexões com o que passa na sala de aula, na escola. Estar em um local como esse, não somente ouvindo, mas, sentindo o acontecimento, abre horizontes. Somos afetados nesse movimento e voltamos para a escola abertos para (re)pensar nossas práticas (Enunciação docente em movimento formativo – 2023).

É nessa relação de força que a formação como máquina de guerra nômade se constitui. Se há um empenho de fazer valer as normativas vigentes no campo do currículo e da formação, há também movimentos de resistência, uma micropolítica que se põe no plano cotidiano em ritmos descontínuos às normas, às tradições, aos padrões de universalidade. Gostamos de pensar com Foucault (2021, p. 360): “Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”.

Nesse sentido, a máquina de guerra não toma a guerra como objeto (Deleuze; Guattari, 2012a), antes busca expandir, em meio ao espaço estriado, o espaço liso e em um plano macropolítico, as micropolíticas. A máquina de guerra compõe relações de resistência, afeta o jogo de forças e impõe cortes e descontinuidades.

A formação docente que desejamos e afirmamos resiste ao Estado em forma de “[...] sobrecodificação, aparelho de captura, máquina de servidão” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 155), pois, ao voltar o pensamento na relação com as forças do fora, faz do pensamento uma máquina de guerra (Deleuze; Guattari, 2012a). Então, o/a professor/a fala “a língua da vida, mais do que a língua do direito” (Deleuze, 1988, p. 91) e inventa outras maneiras de compor docências, encontros, conversas, aprendizagens com os cotidianos. Busca, portanto, enunciar a liberdade que destitui os discursos hegemônicos em um campo estriado do pensamento e suas tentativas de apagamento e silenciamento da vida, a qual se apresenta como força subversiva. Portanto, pensamos a formação com os/as professores/as como corpo potente que habita a escola e, na constituição de outros sentidos de docências, de seus *saberesfazeres*, abre rasgos de intensidades que propiciam outros possíveis.

A formação como máquina de guerra compõe-se das docências-forças coletivas, em processos de subjetivação e aberta a tantos modos de existir que não cabe mensurar, dar forma, hierarquizar. Pensar a formação na relação com



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

essas docências é ater-se às possibilidades de escapar às tentativas de controle como ato *éticoestético* político de resistência. É seguir o voo da bruxa (Deleuze; Guattari, 2010) para inventar sentidos de viver que permitam experimentar outros possíveis na relação com as múltiplas vozes, saberes e conhecimentos daqueles que habitam a escola.

A invenção de outros possíveis em territórios formativos e curriculares

Entre encontros e conversas, as enunciações docentes expandem-se por zonas de estriamento. Os/As professores/as inventam com as forças cotidianas e criam conexões com a diferença. Em redes de conversações (Carvalho, 2009), indagam: O que pode o currículo quando o samba, o *funk*, uma multiplicidade de ritmos atravessam os corpos daqueles/as que habitam a escola e subvertem a realidade, a cultura? Talvez a vida ganhe outros horizontes, modos de manifestar e nos contagiar ante as tentativas de endurecimento da docência. Em redes de conversações engendradas em movimentos formativos insurgentes, professores/as do ensino fundamental agenciam aos ritmos do mundo, dissolvem fronteiras impostas por lógicas hegemônicas de formação docente e com a arte nos convocam a outros possíveis.

- Hoje o samba desceu o morro, a Sapucaí. O samba é de todos! Mas, em 1910, se você carregava um pandeiro era preso. E o que podemos dizer do *funk*? Não aparece nos livros didáticos, mas aparece na sala de aula, nos corredores da escola, em momentos de recreio. É um mundo que invade a escola e desterritorializa os modos de pensar e ensinar.
- As crianças e adolescentes trazem seus repertórios de vida, o que os afeta em um plano cotidiano e cria outros sentidos de existência. Não devemos esquecer-nos que ensinar-aprender é uma experiência de acolhimento do outro.
- Nós estamos na escola trabalhando com as crianças e adolescentes e é por elas/eles que exercemos a docência. O *funk* é um convite à produção de alianças e de criação de novas relações (Enunciações docente em movimento formativo – 2023).



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

As enunciações que reverberam em redes de conversações com professores/as compõem cartografias cotidianas, inventivas de transformação de si e do mundo (Kastrup, 1999). São tentativas de habitar na linha do fora, em que há a possibilidade de produção de outros possíveis que nos tiram dos pontos fixos, de um modo de existência sedentária. Trata-se de um devir professor máquina de guerra em processo de criação em descontinuidade às tentativas de controle do trabalho docente. O *corporeamento* de professores/as dança com seus modos de *viversentir* as docências, incita fugas de um currículo reducionista orquestrado por lógicas neoliberais de educação e, assim, problematiza as práticas hegemônicas de um *saberfazer* técnico que se fundamenta na diretriz:

Desenvolvimento permanente tanto do conhecimento dos conceitos, premissas e conteúdos de sua área de ensino, quanto do conhecimento sobre a lógica curricular da área do conhecimento em que atua e das questões didático-pedagógicas (**como planejar o ensino, criar ambientes favoráveis ao aprendizado, empregar linguagens digitais e monitorar o processo de aprendizagem por meio do alcance de cada um dos objetivos propostos**), mantendo o alinhamento com as **normativas vigentes** e aplicáveis quanto às expectativas de aprendizagem (CNE, 2020, p. 4, grifo nosso).

Muito além de uma formação técnica, instrumental, professores/as desejam compor encontros *éticos, estéticos, políticos*, fazendo de seus saberes uma arma de guerra que resiste às forças reprodutoras das docências, e impõem ritmos variados, intensos, povoados de pensamentos múltiplos e insurgentes. O que se evidencia na relação com os/as professores/as é uma insatisfação com as tarefas repetidas e burocráticas que invadem a escola, os currículos, a formação e também a busca por um coletivo que se fortalece às tentativas de silenciamento docente e a elas resiste:

- O professor está como a equilibrista de Aldir Blanc e João Bosco, em corda bamba e o show tem que continuar. A pergunta é o que vamos fazer dessa corda bamba? É muita responsabilidade [...]. Não dá para pensar a educação sem a autonomia do docente. É preciso desburocratizar o ensino para que tenhamos tempo de planejar, pensar e criar uma aula.



- Até que ponto vamos nos mecanizar, preencher planilhas, transitar por um modo tecnicista de docência com currículos conteudistas e fechar os olhos para uma vida que impõem novos roteiros de estudos em contestação às políticas de homogeneização?
- A formação é compartilhar experiências que afirmam o cotidiano, mas também é expor incômodos, desejos que saiam de um ato de reclamação para pensar práticas como possibilidades de tensionamento às redes de poderes. Não é sanar problemas, mas construir caminhos de desburocratização da escola, da docência.
- Nessas condições de trabalho que a gente vive de ataque à educação e à profissionalização docente, por meio de implementações de políticas neoliberais, esses momentos de formação fortalecem o coletivo e abrem espaço de conversas e escuta, em um plano de experimentação da escola (Enunciações docente em movimento formativo – 2023).

As enunciações convocam-nos a pensar as docências sob linhas de fuga que rompem com o tecnicismo e seu automatismo e subvertem os aparatos de dominação, pois elas são rizomas, multiplicidade, movimento de (des)construção e envolvem metamorfose como “a borboleta dobrada na lagarta e que se desdobra” (Deleuze, 1991, p. 22). São permeadas de impossibilidade/resistência, de (des)esperança/luta, de desejo/frustração e contêm um mundo, infinitas composições. Talvez, por isso, seja tão difícil aprisioná-las, pois há sempre possibilidade de novos voos para fora das fronteiras estabelecidas.

Os encontros com os/as professores/as mobilizam um *corpopensamento* em exercício de uma micropolítica ativa que intercepta discursos que planificam a vida, as existências. Produzem agenciamentos às forças de resistência – conversas, práticas, experimentações – e exploram o campo das indagações na relação com as muitas questões que compõem o cotidiano da escola.

No desejo de um pensar livre, sem coordenadas fixas e sem a necessidade de grandes explicações e interpretações, encontramos professores/as que abrem as asas, traçam voos e ousadamente ganham novos horizontes para além dos espaços estriados. No lugar do que é isto ou aquilo com respostas previsíveis, apostam no ziguezaguear por entre forças macro e



micropolíticas engendradas nos cotidianos da escola, fazendo desestabilizar certezas, ao instaurarem percursos outros para o pensamento, as docências, os currículos. O que passa em meio aos encontros com esses professores/as são conversas abertas lançadas ao infinito em movimento de ida e volta do pensamento (Deleuze; Guattari, 2010), tudo se mistura produzindo sentidos variados e uma intensidade singular de afetos e afecções.

As vozes, saberes e conhecimentos de quem habita o cotidiano escolar possibilitam encontros com a vida em experimentação de outras realidades e de atualização de novos mundos (Rolnik, 2016). São apostas em mundos povoados, intensivos e mobilizadores da multiplicidade que se contrapõem à ação de um *saberconhecer* hegemônico normatizado que tenta paralisar a potência de invenção. Com efeito, outros sentidos de docências, currículos são estabelecidos na relação com tantos mundos que (re)existem na escola. Nas redes de conversações encontramos forças nômades, transitórias que possibilitam outros percursos na medida que o acaso, o indeterminado se apresenta abrindo-se a outros possíveis.

- Não dá para manter o distanciamento ou separar o que acontece cotidianamente de um planejamento curricular. Os alunos relatam diferentes mundos, a gente ouve e acolhe. A nossa vida é ali no momento, na ordem do acontecimento, discutindo, pensando, problematizando, não é uma coisa fechada.

- Um currículo inventivo constitui-se das situações cotidianas da sala de aula. É claro que vamos planejar um conteúdo, mas sempre irão surgir problematizações e questionamentos que as crianças trazem, que irão flexibilizá-los. Trabalhamos muito com a oralidade e surgem coisas que a gente não esperava e que nos tiram da rota. E, quando isso acontece, fica mais prazeroso, porque trabalhamos com o inesperado. Mas, se o professor não der abertura, não vai conhecer e viver outros mundos (Enunciações docente em movimento formativo/Diário de campo – 2023).

Os/As professores/as desconstroem e desnaturalizam os discursos que impõem a sujeição do *saberfazer* docente aos mecanismos e padrões hegemônicos de regulação da vida, da existência. Abrir-se às singularidades, às diferenças compõe um campo de luta às relações de *saberpoder*. A



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

formação é entendida, aqui, como *espaçotempo* de deslocamentos envolvendo experimentações que afirmam o cotidiano como potência inventiva. Há um *corpoprofessor* em movimento nômade que pede passagem e (re)inventa um *fazerviver* docente.

Figura 2 – Saberesfazeres cotidianos em um plano de invenção



Fonte: Arquivo das pesquisadoras - 2023

Em descompasso com as tentativas de regulação e controle de seus corpos, eles dançam sob os efeitos dos afetos e afecções que compõem as relações cotidianas. Apostam na alegria e na folia de um corpo que vibra na experimentação de outros possíveis, e, em meio às curvas do caminho, encontram um pensar livre, poético, sensível ao que passa e toca o corpo em sua singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE NOS AFETA NA RELAÇÃO COM OS/AS PROFESSORES/AS ENTRE PERCURSOS CARTOGRÁFICOS?



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

Em um cenário de políticas educacionais neoliberais, a formação de professores como máquina de guerra instaura outros mundos na afirmação da vida. Lança-nos na experimentação de rotas incertas, cambiantes com seus desafios e desassossegos por outros modos de *pensarviversentir* as docências, a escola, a educação. Em movimentos nômades, os/as professores/as transitam por mundos diferentes dos visíveis e dos instituídos. Agenciam as forças e fluxos que subvertem a dominação do Estado e, em abertura a uma linha de fuga (Deleuze; Guattari, 2012b), desarrumam as funções fixas, os códigos, deixando proliferar os rizomas. Há um desejo por invenção, em um plano de imanência, que resiste às condutas paralisantes da vida em conformidade com os processos de subjetivação *capitalística* que subjagam os indivíduos aos interesses do capital.

Destacamos que a subjetividade, para Guattari e Rolnik (1996), é uma produção social e coletiva e, portanto, não faz referência ao entendimento de sujeito mediante algo interior e relacionado ao plano individual. É efeito de relações, encontros e afetos com o mundo, uma exterioridade. Nesse sentido, o capitalismo concebe a subjetividade como produção, tornando os indivíduos consumidores de um modo de ser/estar no mundo, regidos por padrões *capitalísticos* de existência.

A ordem capitalística é projetada na realidade do mundo e na realidade psíquica. Ela incide nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentidos, de afeto, etc. Ela incide nas montagens de percepção, da memorização, ela incide na modelização das instâncias intra-subjetivas (Guattari; Rolnik, 1996, p. 42).

O encontro com professores/as afeta-nos na relação com processos de subjetivação que escapam ao modo dominante e hegemônico de *pensarviverexistir* difundido pelo aparelho do Estado. Alianças as forças das docências nômades que se inquietam ante as *práticaspolíticas* coercitivas da vida. Como corpo coletivo, somos convocados/as a resistir, a compor pensamentos, desejos, afetos, alianças que abrem passagem a outros possíveis. Estamos tomadas por singularidades de resistência (Deleuze, 1988) que emergem das redes de conversações. Para Carvalho (2019, p. 58), importa:



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

[...] desencadear devires moleculares de toda espécie. Deixar-nos atravessar pelos fenômenos de limiar, pela temporalidade do acontecimento, transformando-nos uns nos outros por contágio. A imanência é o plano da existência, dos afetos, de uma vida na qual nos abrimos às intensidades, às forças de contágio do mundo [...].

Entre as relações de corpos, o pensamento expande-se sem regular a velocidade, “corroendo a floresta por um lado, propagando sobre as terras cultivadas, por outro afirmando uma força não comunicante ou de desvio[...]” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 61). Para além das tentativas de ordenar ações, pensamentos, desejos, a formação pode ser espaço do *pensarmover* ao infinito. O lugar do/da professor/a também afirma sua docência, compondo redes coletivas de *saberesfazer* cotidianas, práticas discursivas em produção de múltiplos modos de subjetivação. Então, voltamos a nos indagar: O que pode a formação como máquina de guerra? Diríamos, sem a pretensão de uma resposta, mas contagiadas pelos afetos que nos atravessam e ativam em nós a potência de agir, a força de existir (Deleuze, 2019), que estamos coletivamente resistindo às tentativas de dominação/coerção do Estado em um esforço de afirmar e fazer perseverar a vida nas escolas. A formação como máquina de guerra suscita em nós uma potência nômade que abre a outros possíveis modos de vida heterogêneos e singulares em movimentos insurgentes de produção de subjetividades ativas, nos quais as vozes, saberes e experimentações de professores/as conspiram à expansão e intensidade da vida.

REFERÊNCIAS

Alves, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, pp. 1195-1212, out./dez. 2010.

Carvalho, Janete Magalhães. Macro/Micropolítica, Cotidiano Escolar e Constituição de um Corpo Coletivo em Devir. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas, SP, v. 21, n. 1, pp. 47-62, jan./mar. 2019.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

Carvalho, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis/Brasília: CNPq, 2009.

Conselho Nacional de Educação (Brasil). Resolução n.º 01, de 27 de outubro de 2020. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 de outubro. 2020. Seção 1. p. 57. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2020-pdf/164841-rcp001-20/file>. Acesso em 07 mar. 2024

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. São Paulo: Editora 34, 2012a.

Deleuze, Gilles. **A Dobra. Leibniz e o Barroco**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

Deleuze, Gilles. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: Ed. UECE, 2019.

Deleuze, Gilles. **Foucault**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

Deleuze, Gilles.; Guattari, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, v. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012b.

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix. **O que é a filosofia?** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

Foucault, Michel. **Microfísica do poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

Guattari, Felix. **Revolução molecular: pulsões políticas do desejo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Guattari, Felix; Rolnik, Suely. **Micropolítica cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

Kastrup, Virgínia. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Campinas-SP: Papyrus, 1999.

Morte, Teodorico Boa. **Insurreição de Queimado em poesia de Cordel**. 7. ed. Vitória: Editora do autor, 2019.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>

Rolnik, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

Submissão em 30 de abril de 2024.

Aceite em 13 de agosto de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição
4.0

Internacional. Texto da Licença:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262707 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262707>